

Reiniciada plantação de palmeiras híbridas

♦ Projecto prevê 750 hectares até 1990

por Jorge Morais (texto e fotos)

N. 20/11/87

A semelhança do que está a acontecer na Madal e, provavelmente, também noutras empresas de coco do País, a Companhia da Zambézia, que igualmente possui extensas zonas de palmar em Quelimane, Gúruê, Chire e Bajone, numa área de cerca de 37 mil hectares, reiniciou no presente ano, com o processo de reconversão de coqueiros gigantes por híbridos, pelo facto de, conforme nos informaram, os coqueiros «clássicos» já não estarem a render nada devido à sua velhice. Os coqueiros que agora estão a ser abatidos foram plantados em 1940. A área total para a hibridação compreende 750 hectares e deverá terminar em 1990. Até lá, 250 hectares estarão já plantados com novo palmar. Outros 250 hectares terão sido derrubados e os restantes 250 serão abatidos posteriormente.

Até princípios do mês de Novembro do ano em curso, conforme o enviado da nossa Delegação da Beira constatou no local, estavam ainda a ser abatidos os coqueiros velhos dos primeiros 250 hectares, na estação de Coalane, arredores da cidade de Quelimane.

A reconversão de coqueiros velhos por novos e mais rentáveis de acordo com José A. Joaquim Silva director de produção da Companhia da Zambézia, iniciou há cerca de oito anos, havendo a salientar que tal processo estava a fazer-se em ritmo bastante lento, facto que levou a que até ao momento tives-

tado daí que não teremos dificuldades de cobrir todas as despesas.

A produção de coco, só na estação de Angoaze e Andone, corresponde a um rendimento médio de 260 quilos de copra por hectare ou seja 1950 cocos por hectare, produção que se considera demasiadamente baixa. Fazendo-se a renovação do palmar com coqueiros híbridos (os quais segundo as previsões, entrarão em produção no fim de quatro anos) os índices subiriam substancialmente.

QUESTÃO A CONSIDERAR

Em relação aos programas de hibridação actualmente em curso em al-

campos de hibridação, a destronca dos coqueiros velhos é feita na base da força humana, com machados em condições de segurança muito precárias.

Quer nas plantações da Madal quer nas da Companhia da Zambézia, que o enviado da nossa Delegação da Beira visitou sucessivamente em Julho e Novembro do ano em curso, respectivamente, não viu uma máquina sequer afecta nos trabalhos de destronca e no retalho dos troncos dos coqueiros já abatidos embora um responsável da Companhia da Zambézia tivesse falado dum «Caterpillar» que estava envolvido no derrube de coqueiros velhos nos campos de hibridação daquela companhia.

Na Companhia da Zambézia, por exemplo, o retalho dos troncos já abatidos (trabalho que, neste momento, poderia muito bem ser dispensado, porque o prioritário é a destronca), está a fazer-se de forma que julgamos incorrecta, não atendendo ao importante aspecto da segurança do trabalhador.

Vejamos: dois homens de cabeças próximas racham simultaneamente o mesmo tronco havendo altura em que os mesmos se aproximam de tal forma que o machado, levantado a uma média de 90 graus em relação ao solo, passa em direcção ao talha, do a uma distância de 30 a 50 centímetros da cabeça do homem que estiver inclinado (ver gravura).

Daí que não possa duvidar das consequências porventura fatais que esta forma apressada e rudimentar de trabalhar pode trazer para os trabalhadores em particular e para as suas famílias em geral. A par disso, temos de considerar os prejuízos que este tipo de trabalho representa para a própria empresa, em termos de produção.

Esta alternativa de utilizar a força humana para a destronca e talhaamento dos troncos com machados, tanto na Madal como na Companhia da Zambézia (e deve haver outras empresas em idênticas situações) deve ser resultado das dificuldades que as empresas têm na aquisição de maquinaria apropriada a ser empre-

que em tais trabalhos, conforme nos explicaram.

Entretanto, existe na província da Zambézia uma Associação de Produtores de Copra responsável pela gestão dos fundos consignados, provenientes das suas exportações, e é também coordenadora de importações conjuntas e de formas mais económicas, a fim de satisfazer as

colha do coco nas plantações, criaram-se condições para abastecimento de roupa e alimentação aos trabalhadores. Em termos de produção, no ano passado, 1986, portanto, produziram-se 500 toneladas de copra com 40 por cento quase só de copra de segunda.

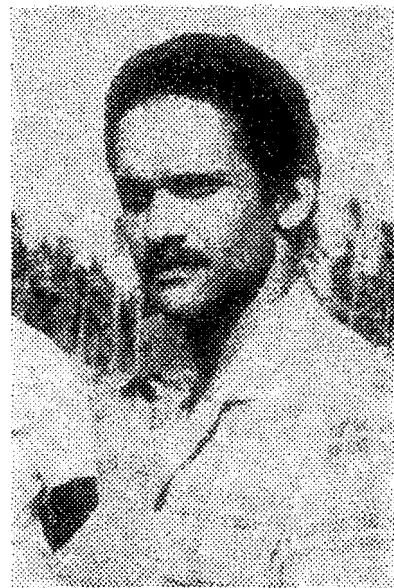
Em 1987, já se perspectivava produzir 1000 toneladas, sendo 24 por cento da copra de segunda.

SALINAS

Os mesmos problemas que não foram apontados pela nossa fonte de informação, tiveram reflexos igualmente na produção de sal que, de 1983 para 1986, baixou de 3884 para 500 toneladas, respectivamente.

A semelhança do que se estava a passar com a produção do coco, as salinas também estavam praticamente paralisadas devido a vários factores apontando-se entre eles a existência (na altura) de um técnico especializado para as salinas e avarias de motobombas o que implicava que as salinas funcionassem em apenas 20 por cento.

Com a reestruturação dos órgãos directivos da empresa, as motobombas funcionam já em pleno, as três salinas foram reabertas e já produzem a 75 por cento.



José António Joaquim, quando prestava declarações à nossa Reportagem

necessidades em termos de aprovisionamento dos associados. Se esta Associação tivesse tomado a peito este e outros problemas que provavelmente estão a afectar o desenvolvimento daquelas empresas produtoras de produtos captadores de divisas, talvez algumas dificuldades em torno desse problema tivessem sido resolvidas.

CONCENTRAR APOIO

As plantações do palmar da Companhia da Zambézia, que se localiza nos arredores da cidade de Quelimane, mais concretamente na localidade de Maquival (cerca de 5 mil hectares) são, talvez, as únicas que actualmente não sofrem ameaças dos bandidos armados, uma vez que os outros palmares estão em Gúruê, Chire e Bajone (chá e eucaliptos, neste último), onde a produção de copra está praticamente paralisada.

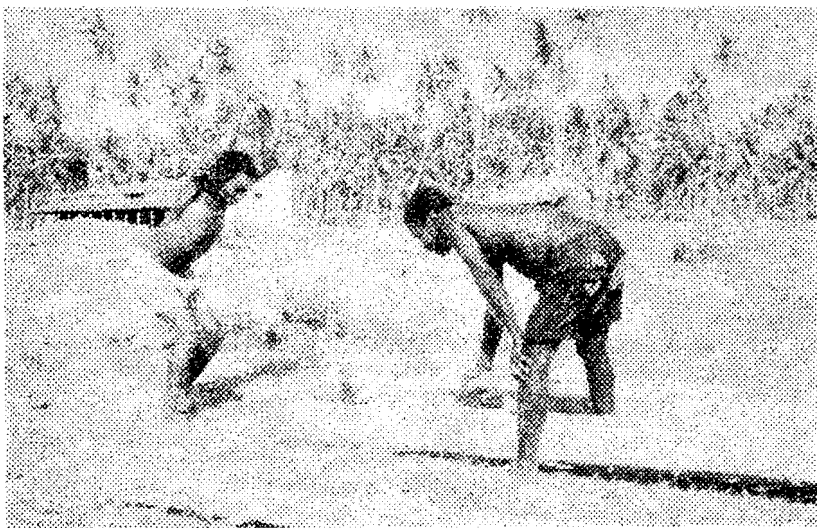
No Gúruê e Bajone, só se estão a fazer trabalhos de conservação e manutenção das instalações e equipamento. Ainda no Gúruê, a maquinaria está parada por falta de combustível. Por essa razão, a empresa está tentando reabilitar a frota fluvial que já tinha sido dada como abatida na totalidade, para, por um lado, facilitar o envio de combustível e por outro lado para a recolha da copra e do sal dos locais de produção para a cidade.

Sendo assim, todo o apoio em bens de equipamento deveria ser concentrado nos palmares dos arredores de Quelimane que parecem ser os únicos que estão a assegurar as condições sociais dos seus trabalhadores e a contribuir para o desenvolvimento da economia do País.

Importa frisar que a Companhia da Zambézia é uma empresa agro-pecuária industrial «que está a iniciar do zero». Uma fonte daquele complexo agrícola, explicou ao nosso repórter que há alguns anos atrás a companhia encontrava-se mergulhada na decadência, numa crise profunda devido a muitos problemas, facto que obrigou à sua imediata reestruturação e reorganização.

Segundo informações, tal acção consistiu na nomeação da nova direcção geral e sua estruturação com vários directores de departamentos (secções), mobilização dos trabalhadores da secção de Angoaze e Andone (Maquival), entre outros trabalhos.

Como resultado destas importantes medidas, recuperaram-se três tractores e respectivos atrelados para re-



Este o aspecto de trabalho nos campos de hibridação da companhia da Zambézia

sem sido plantados somente 10 mil palmeiras híbridas, correspondentes a uma área aproximada de 70 hectares de terreno.

José Silva não duvida dos elevados custos que o programa de hibridação, naturalmente, irá impor. Relativamente a este pormenor, aquele responsável disse não haver possíveis problemas financeiros para custear tais despesas porquanto, conforme explicou, até lá o preço das exportações da copra terá aumen-

tado daí que não teremos dificuldades de cobrir todas as despesas. gumas empresas produtoras de coco da província da Zambézia em particular, constata-se situações que, com a gravidade da sua impropriedade, urge, a curto prazo, solucionar para se prevenir casos fatais, se é que até então ainda não se registaram.

Trata-se concretamente dos moldes de trabalho que os homens da destronca das palmeiras se vêem forçados a utilizar. Segundo nos consta, aliás, porque posteriormente o nosso repórter observou pessoalmente nos